

## **A COMUNIDADE JOANINA E A SINAGOGA: VIOLÊNCIA E COMPAIXÃO EM JOÃO 9**

*Pedro Evaristo C. Santos<sup>1</sup>*

### **Resumo:**

O presente artigo trata dos conflitos encontrados no evangelho de João, capítulo 9. É um trabalho exegético com o fim de entender os conflitos existentes entre a comunidade joanina e a sinagoga. O evangelho de João apresenta muitos conflitos com a sinagoga e com seus aderentes, principalmente o grupo denominado de fariseus, culminando com a separação mais tarde entre os membros da comunidade joanina e a sinagoga. Como este artigo tentará mostrar, o capítulo 9 de João faz parte desse divisor de águas – a separação entre a comunidade joanina e a sinagoga.

**Palavras-chave:** Conflito – Comunidade Joanina – Sinagoga – Discípulos

### **Abstract:**

This article deals with the conflicts found in the gospel of John, chapter 9. It is an exegetical work in order to understand the conflicts between the Johannine community and the synagogue. The Gospel of John presents many conflicts with the synagogue and its members, especially with the group called the Pharisees, culminating with the later separation between members of the Johannine community and the synagogue. As this article will attempt to show, chapter 9 of John is part of this watershed – the separation between the Johannine community and the synagogue.

**Key-words:** Conflict - Johannine Community - Synagogue - Disciples

---

<sup>1</sup> Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Judaicos e Árabes da FFLCH-USP. santosp10@usp.br.

## Introdução

João 9 é a demonstração que os conflitos neste capítulo são resultantes do mal entendimento do propósito final por trás da cegueira existente no homem. Este mau entendimento gerou conflitos que seguem num processo de crescimento até o ápice – a expulsão da sinagoga do que fora curado e, por sua vez, da comunidade joanina. Portanto, o propósito final, o qual gera todos estes conflitos, é resultado de um mau entendimento da pessoa de Jesus e da glória de Deus, a qual é o objetivo por trás da enfermidade do homem cego. Numa referência mais ampla, o conflito é resultado da verdadeira razão da comunidade do discípulo amado existir no mundo.

Em assim perceber, esta pesquisa entende que o cerne da problemática, encontrada neste capítulo, é resultado de um problema muito mais profundo – a intriga existente entre a glória de Deus e a glória dos homens, ou, noutra forma de dizer, como a comunidade deve ser e o que ela realmente é. Ela deve penetrar no assunto – “o que eu ganho perdendo uma coisa e ganhando outra”, ou “o que eu ganho sendo o que devo ser para o mundo, e o que eu perco mantendo-me atrelado ao passado, dentro da sinagoga”. A comunidade joanina vive, neste capítulo, uma profunda busca de identidade por causa de sua exclusão e a necessidade de tomar o caminho dos excluídos, porém, incluídos com Jesus.

A questão da glória de Deus não é uma questão que nasce neste capítulo, mas é recorrente. Esse assunto já aparece no capítulo 8.50 e 54,<sup>2</sup> e já tem sua apresentação inicial em Jo 1.14. A questão da cura do cego é mencionada no capítulo 10.21, e o assunto da manifestação da glória de Deus é outra vez mencionado em 11.4. Então, detecta-se uma linha sutil, mas significativa, que cruza estes três capítulos – a questão da glória de Deus e como ela é revelada. Em Jo 17 Jesus vai frisar a glória que ele tinha antes de sua encarnação com o Pai, como pano de fundo e modelo para a unidade entre os discípulos. Porém, há um desenvolvimento nesta questão. Aquele que veio manifestar a glória de Deus entre os homens é também a luz do mundo. Esse desenvolvimento é significativo porque ele deixa de ser aquele que manifesta a glória de Deus para ser aquele que ilumina, passando a ter luz própria.

---

<sup>2</sup> Jesus atribui a si um título que ele si auto impõe no capítulo anterior, fazendo a outra conexão com o mesmo: φῶς εἰμι τοῦ κόσμου (v. 5). Note-se a mesma afirmação original em Jo 8.12 com algumas alterações: Ἐγὼ εἰμι τὸ φῶς τοῦ κόσμου.

No capítulo 9 a questão da glória de Deus<sup>3</sup> se torna relevante por causa, não somente da divisão interna do grupo de discípulos mais chegados de Jesus – que não entendem os propósitos divinos por trás das situações graves e rotineiras da vida, mas porque ela leva a exclusão de um homem da sinagoga e ao abandono do curado, por parte de seus pais, a sua própria sorte. Vendo com mais detalhes, a comunidade discípulos está profundamente dividida, e causa violência a si mesma. Este capítulo mostra até que ponto a violência, mesmo entre irmãos, pode chegar. Jesus como luz do mundo e revelador da glória de Deus vivencia com lado sinistro da vida na comunidade – a violência entre os seus membros por não entenderem as ações divinas em seu meio.

Então a questão da glória de Deus e Jesus como luz do mundo torna-se relevante porque ela passa a ser fator de divisão e violência entre pessoas e grupos de pessoas. Assumir um papel ao lado de Jesus e suas realizações é uma questão que leva ao afastamento de pessoas dentro da própria comunidade e é divisor neste capítulo, e no resto do livro. Assim, esta pesquisa propõe o seguinte processo: o assunto da glória de Deus nasce no final de Jo 8, desenvolve-se com mais intensidade em Jo 9, e vai diluindo-se até Jo 11 como reflexo desse grande embate entre a glória de Deus versus a glória dos homens. E retorna como elemento modelar para o grupo de discípulos que estavam enfrentando divisão interna, no capítulo 17. Propõe também que, ao lado disso, a comunidade joanina vive dias difíceis e de violência interna e externa.

Esta pesquisa considera, então, que o capítulo nove do evangelho de João seja uma unidade narrativa completa. Porém, ao mesmo tempo, ela é continuação do que foi dito no capítulo 8, particularmente, no versículo 59, quando Jesus sai do templo, depois de ser ameaçado com pedras pelos seus ouvintes. Em Jo 9.41 termina o assunto que resultou da cura do cego de nascença, e passa a ser tratado o tópico em que Jesus se apresenta como o bom pastor (Jo 10). Mesmo que a audiência pareça ser a mesma, o assunto a ser desenvolvido ali é outro. Portanto, esta pesquisa entende que estamos diante de uma unidade completa, cujo assunto central é a violência causada por irmãos a irmãos por não entender os mistérios divinos entre os homens,<sup>4</sup> e, como resultado, a comunidade joanina se separa da sinagoga.

---

<sup>3</sup> A glória de Deus é manifestada por meio do milagre efetuado no cego de nascença. Não há luz, não há brilho, mas Deus é manifesto por meio de um milagre.

<sup>4</sup> Vamos olhar este texto como uma parábola dos dias atuais. Pensemos o seguinte sobre João 9. A história narrada em neste capítulo tem tudo de uma aventura investigativa: um crime é realizado – Jesus cura um cego de nascença, e, para completar, essa cura ocorre num dia de sábado. A comunidade ao redor fica estarecida com o acontecido e toma a iniciativa de levar a evidência do crime as autoridades competentes que, imediatamente,



6 – Depois de dizer estas coisas,

Cuspiu no solo.<sup>9</sup>  
E fez lodo do cuspe.  
E colocou dele o lodo<sup>10</sup> sobre os olhos.

7 – E disse-lhe:

Vai lavar  
No tanque de Siloam,  
O qual tem sido interpretado:<sup>11</sup>  
“Aquele que tem sido enviado”.

Portanto,<sup>12</sup>  
(ele) foi,  
E lavou,  
E veio vendo.

#### A. Passando e Vendo

O versículo inicial de Jo 9 não dá muitos detalhes sobre quem está passando. A descoberta acontece em seguida. O texto simplesmente diz: “E, passando,<sup>13</sup> viram um homem cego desde o nascimento”. O interessante nesta narrativa é que, quando Jesus saiu do Templo, ele saiu só (8.59), mas aqui os discípulos estão presentes. A resposta desta pesquisa a este problema é que os discípulos estavam juntos de Jesus na discussão anterior, e saíram com ele do templo para evitar que o linchamento chegasse a eles, como seus discípulos, ou estavam em algum ponto fora do Templo, e se uniram a Jesus ao sair dali, como forma de encontrar apoio e proteção, diante das ameaças sofridas naquele lugar. É fato que no capítulo 8 Jesus está só em cada momento daquela narrativa.

Além disso, a narrativa oculta o nome do homem encontrado fora do Templo. Em parte alguma de Jo 9 ele é nomeado. Apenas é chamado de “cego de nascença” (v. 1), “este” (v. 2), “ele” (v. 3), “cego” (v. 6, 17), “mendigo” (v. 8), “vosso filho” (v. 19), “homem que fora cego” (v. 24). O lugar aonde este homem fora encontrado não é o Templo. É claro que

<sup>9</sup> χαμαί advérbio de lugar “para” ou “sobre o solo”.

<sup>10</sup> As duas ocorrências de “lodo” é πηλόν.

<sup>11</sup> Tanto tempo tem passado desde os eventos originais e com Jerusalém destruída em 70 A. D., que uma nova geração não conhece o que significava Σιλωάμ, que o significado do nome precisava ser dado. Por outro lado, o nome é muito sugestivo para o evento em si. O cego foi enviado para aquele tanque e ficou curado. E Jesus fora “enviado” para curar o cego.

<sup>12</sup> Esta é a primeira vez que aparece a conjunção ο ἕν. Mas ela está presente em outras treze vezes no capítulo 9 (v. 7, 8, 10 [2x], 11, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 24, 26). Para Thayer, “a conjunction indicating that something follows from another necessarily”, e, como tal, ela pode ser traduzida como “então”, “portanto”, “conforme”, “consequentemente”, “estas coisas sendo assim” (*Thayer's Greek Lexicon*: Bible Works 7). Nesta pesquisa, esta preposição será traduzida comumente por “portanto”, reconhecendo, porém, que pode haver nuance particular em cada aparição.

<sup>13</sup> παράγωνέ participio presente de παράγω, “passar por”, tem ação simultânea ao verbo principal, podendo ser traduzido perifrasticamente: “enquanto passavam, viram”.

este homem não podia ser encontrado dentro das dependências do Templo. A pergunta dos discípulos, apresentada no versículo seguinte, em si, já é suficiente para esclarecer o porquê deste homem ser encontrado fora do Templo.

Isso quer dizer que Jesus aproximou-se de um excluído e desprovido dos benefícios de freqüentar o Templo de Javé. Ele é chamado de mendigo (v. 8), para indicar sua condição social – provavelmente ele fora expulso de casa e sobrevivia de esmolas. O mau entendimento que os discípulos tinham da condição deste homem pode ter sido a causa da expulsão de casa por parte de seus pais.

Por outro lado, é claro que, ao curar o cego, Jesus mostra que o poder restaurador não está no Templo, mas fora dele. Ou, em outra forma de dizer, Deus não está no Templo, mas fora dele, e ele pode ser encontrado na pessoa de Jesus. Num contexto comunitário, o narrador está dizendo que o Templo não tem importância como lugar da presença de Deus entre os homens, mas Deus está na comunidade de discípulos. É ali aonde acontecem os milagres divinos.

## B. O dilema dos discípulos

O dilema dos discípulos, estampado em sua pergunta [τίς ἥμαρτεν οὗτος ἢ οἱ γονεῖς αὐτοῦ ἵνα τυφλὸς γεννηθῆ], mostra que, mesmo entre aqueles que eram membros da comunidade de discípulos de Jesus, podia existir uma mentalidade de exclusão. É em Jo 9.2 que os discípulos são introduzidos na história desse capítulo. Jesus, para eles, é ‘Ραββί,<sup>14</sup> ou um mestre reconhecido por sua capacidade de ensino.

A pergunta dos discípulos a Jesus apresenta, em si, uma grande dificuldade: “Quem pecou, ESTE ou seus pais, a fim de que, como resultado (do tal pecado), nascesse cego?”<sup>15</sup> Como pode alguém nascer cego porque pecou? O que esta pergunta destaca é a influência rabínica entre os discípulos de Jesus. A possibilidade de alguém cometer pecado dentro útero de sua mãe foi pressuposto por certas tradições rabínicas (CARSON, 1992, p. 364).<sup>16</sup>

<sup>14</sup> Hebraico – “meu senhor”, um título honorífico atribuído pelos discípulos a um rabino ou mestre da lei.

<sup>15</sup> A construção introduzida por ἵνα é um uso especializado desta conjunção para introduzir uma oração subordinada adverbial de propósito (PINTO, 2002, p. 61-63, 72). Ela modifica o verbo ἥμαρτεν. Assim, esta frase poderia ser assim traduzida: “Quem pecou, para que nascesse cego, este ou seus pais?”

<sup>16</sup> Conferir a nota de rodapé na página deste livro e a consideração ao comentário rabínico *Genesis Rabbah*. Veja também o comentário de Morris (1971, p. 477-478), indo na mesma direção. A versão da Bíblia NVI tem uma nota de rodapé sobre esta pergunta que diz o seguinte: “Os rabis tinham desenvolvido o princípio que ‘não há morte sem pecado, e não há sofrimento sem iniquidade’. Eles foram capazes de pensar que uma criança poderia

A implicação disso é que a comunidade joanina vivia o dilema de como lidar com aqueles que experimentavam reveses em suas vidas. A forma de tratar cada um deles era a de exclusão por entenderem que aquela pessoa estava sofrendo o mal que sofria por causa de castigo divino, seja este uma resposta a um pecado pessoal ou a um pecado dos pais, como é o caso salientado aqui.

Porém, pode-se ir mais longe e dizer que o problema dentro da comunidade joanina é mais que um dilema, é um problema de violência teológica. Uma parte da comunidade de discípulos, influenciada pela sinagoga, estava excluindo aqueles que, por alguma razão, tinham caído em algum tipo de desgraça, por entender que esta era maldição divina por algum pecado cometido, até mesmo antes de nascer.

Ao pensar assim, esta parcela da comunidade infligiu opressão demasiadamente grande sobre a família dos que sofriam, chegando até a afastar-se dos que sofriam doenças graves.<sup>17</sup> Já que violência gera violência, então a violência contra a família do cego levou-a a fazer violência ainda maior – expulsar o filho de casa para que vivesse como mendigo. Violência religiosa fazendo brotar violência familiar.

### C. A Resposta de Jesus

A resposta de Jesus, segundo o narrador, é chocante para uma comunidade que havia sido doutrinada nos padrões da sinagoga. Em certo sentido, a resposta de Jesus também é violenta porque derruba conceitos teológicos muito bem estabelecidos durante anos, e mostra processo libertador nunca é simples – a liberdade se alcança por meio de algum tipo de sofrimento.

A primeira parte da resposta de Jesus é uma oração de exclusão e o estabelecimento da inocência do cego e sua família – ninguém pecou naquela família para resultasse no sofrimento do filho: Οὔτε οὗτος ἤμαρτεν οὔτε οἱ γονεῖς αὐτοῦ. Nem os pais nem o filho foram acusados por Jesus como sendo a fonte motivadora da enfermidade do cego. Aqui o conflito entra numa nova perspectiva. É um conflito num nível de perspectiva teológica sobre

---

pecar no útero ou que sua alma pudesse ter pecado numa condição preexistente. Eles também afirmaram que punição terrível veio sobre certas pessoas por causa de pecado de seus pais”.

<sup>17</sup> Assim como os pais desse homem tiveram medo de confirmar o milagre recebido pelo filho, diante das autoridades da sinagoga, eles também, por causa das mesmas autoridades, podem ter expulso o filho de casa, para viver como mendigo, por atribuir ao filho pecado grave antes de nascer. Ao fazer isso, os pais assumiam inocência e culpavam o filho pelo seu estado de cegueira. Essa ação demonstra a violência doméstica por causa de determinadas convicções teológicas e pressão do grupo ao qual pertenciam.

as ações divinas na pessoa. Para esta porção da comunidade de discípulos, a enfermidade do cego era fruto de castigo divino por causa de algum pecado cometido. Para Jesus, a enfermidade era uma oportunidade de manifestar nele os atos poderosos de Deus. Deus era o “culpado” do cego ter nascido cego com fins bem opostos ao pecado.

A oração adversativa, introduzida pela conjunção *ἀλλά*, tem um uso especializado da conjunção *ὅτι*. Nesse caso seu uso continua sendo de propósito – o homem cego nasceu assim, não como resultado de pecado, mas com o propósito de revelar atos poderosos nele. Há uma frase que não está presente no texto, mas que pode ser colocada para entendimento do texto: “Mas, (ele nasceu cego) com o propósito de manifestar nele as obras de Deus”. Esta nova perspectiva conflita diretamente com a perspectiva rabínica vigente na comunidade de discípulos.

Primeiro, porque ela atribui a enfermidade do homem a um elevado propósito divino. Assim, essa perspectiva é inclusão, não de exclusão. O lugar onde Deus está é onde está o sofrimento, como meio para manifestá-lo. O lugar de Deus no mundo é com os oprimidos, não com os opressores. Segundo, o lugar da ação divina não é a sinagoga, mas um homem excluído da comunidade. A construção grega salienta essa esfera de ação divina: “nele” [ἐν αὐτῷ]. O campo de ação divina é o homem, não a sinagoga. O lugar aonde Deus age – ou revela-se [φανερόω] – é o homem “impuro”,<sup>18</sup> não a sinagoga, lugar de ensinamento “puro”.

Para Vidal, este texto é um texto que aponta para a separação da comunidade de discípulos do meio do Judaísmo (VIDAL, 1997, p. 23). A proposta do narrador, se não tem este propósito como primário, ao menos deve ter sido usada com esse fim para salientar a separação entre Judaísmo e Cristianismo. Além disso, a figura do cego excluído da família e da sinagoga pode ter servido para demonstrar o autoconceito que a comunidade, ou parte dela, tinha de si quando relacionada com o Judaísmo – era uma comunidade de excluídos, e esse movimento de exclusão já iniciara com a expulsão de Jesus no capítulo anterior. Entretanto, era nesta comunidade onde Deus estava, conformando-se esta idéia com a já proferida no Antigo Testamento, sobre a presença de Deus com os desprezados.<sup>19</sup>

---

<sup>18</sup> Levítico 21.16-24.

<sup>19</sup> Deuteronômio 10.18; 14.29; 24.17; Provérbios 15.25.

#### D. A Cura do Cego como Protesto contra a sinagoga

A questão da cura levanta questões que demonstram notório protesto da comunidade joanina contra a sinagoga e seus adeptos dentro da comunidade do discípulo amado. A primeira questão é sobre o lugar de Deus na sociedade e no mundo. Ao curar o cego Jesus protesta contra sua expulsão e opressão sobre o cego e sua família, e demonstra que, ao ser o próprio Jesus expulso, eles expulsaram o próprio Deus da sinagoga, e, portanto, toda possibilidade de manifestação divina dentro dali. Deus está fora da sinagoga, mas está com aqueles que foram excluídos dela. Os excluídos da comunidade joanina reivindicam para si o lugar de manifestação de Deus no mundo.

Em segundo lugar, ao deixar de ser o lugar de Deus no mundo, a sinagoga, bem como Israel, deixa de ser luz para as nações por meio do ensino. Agora, Jesus reivindica este posto. Ele é φῶς εἰμι τοῦ κόσμου(9.5),<sup>20</sup> em uma clara relação como João 8.12, onde a frase aparece completa, ao mesmo tempo, um desenvolvimento da pessoa de Jesus, além daquele de profeta escatológico que manifesta a glória de Deus por meio de milagres. A cura do cego serve de ilustração da abrangência do poder restaurador de Jesus. Aqueles que são excluídos da sinagoga, ou da comunidade de discípulos – e da sociedade por implicação, são a verdadeira comunidade de discípulos, onde Deus está presente.

Em terceiro lugar, ao cuspir na terra e fazer o lodo com o pó e o cuspe,<sup>21</sup> e colocá-lo nos olhos do cego, Jesus coloca em relevo que aqueles que têm sido alcançados por sua luz não deveriam ser considerados impuros, mesmo que houvessem sido excluídos da sinagoga. A comunidade da bênção não mais freqüentava a sinagoga, mas a comunidade de discípulos de Jesus, a comunidade joanina. Assim, até o cuspe de um membro da comunidade era puro e curador.

Assim, o que vem do povo de Deus é puro porque Deus está no meio dele. Desta forma, usar os elementos “impuros” (o cuspe, a liga formada pelo cuspe e o pó) como meio para curar um homem “impuro”, ou “amaldiçoado” por Deus, foi uma das mais elevadas

---

<sup>20</sup> A ausência do artigo antes de “luz” salienta a diferença de qualidade de luz que Jesus é quando comparado como o Templo, Israel e a sinagoga. Jesus é luz eficaz que ilumina o mundo, curando seus enfermos, seja a enfermidade difícil ou não. O Templo, e a sinagoga depois, nunca foi palco de uma cura durante toda a sua história. Era um lugar decadente como luz para os povos. Israel, por sua vez, era uma nação tributária, dependente de outros povos para sua sobrevivência. Não tinha influência sobre os povos ao seu redor. Era também luz decadente, há muito tempo. Mais um detalhe a ser colocado aqui. A palavra “luz” abre a frase, interrompendo uma seqüência natural da frase grega para pôr ênfase sobre “luz”, e não sobre “sou”.

<sup>21</sup> Quem recebia o cuspe de alguém devia ser considerado impuro (cf. Números 12.14).

formas de demonstração que a impureza não está na perspectiva de Deus, mas de grupos de influência rabínica dentro da comunidade joanina e da sociedade israelita. Aquilo que para o homem é impuro, para Deus é instrumento de operação de milagre. Na realidade, os impuros são os que estão fora da comunidade joanina.

Desse modo, a comunidade é desafiada a viver nesta luz enquanto é dia, ou no seu tempo de oportunidade para fazer o que Deus quer realizar por meio de sua comunidade no mundo. Acolher os excluídos é forma notória de fazer as obras de Deus. A comunidade joanina, então, necessitava de um espírito acolhedor daqueles que estavam fora das “bênçãos” da sinagoga.

Os grupos em conflito com a glória de Deus estão essencialmente em conflito com Jesus, tanto por ser ele o representante de Deus na terra, como por ser aquele por meio do qual Deus revela sua glória entre os homens. Se a comunidade dos discípulos excluídos era agora a representante de Jesus no mundo, e ela mesma era agora a luz a do mundo, então ela devia entender que os conflitos faziam parte de sua vida. O que eles não poderiam existir era dentro dela. Desse modo, ao contar este relato, o narrador faz forte confrontação com o exemplo acolhedor de Jesus dos rejeitados. A comunidade de discípulos deve acolher aqueles que têm sido excluídos da sinagoga, em lugar expulsá-los.

## II. O Conflito na Comunidade ao Redor dos discípulos (9.8-12)

8 – Portanto,

Os vizinhos e os que o viam antes = que estava<sup>22</sup> mendigo,<sup>23</sup>  
Diziam.<sup>24</sup>

Não é este o que estava sentado e mendigava?

9 – Outros diziam:

É este!

Outros diziam:

Não! Mas semelhante a ele.

Aquele dizia:

Sou eu!<sup>25</sup>

---

<sup>22</sup> “que estava antes” é aposto de “antes” porque era nessa condição que o viam antes da cura. Este aposto responde a pergunta: Antes como? Nesta condição - “que estava mendigo”.

<sup>23</sup> “mendigava” e “mendigo” vêm da mesma raiz: προσαίτης, προσαιτών.

<sup>24</sup> Nos versículos 8-10 temos quatro ocorrências de ἔλεγον, um imperfeito de λέγω.

<sup>25</sup> Veja a ocorrência Ἐγὼ εἰμί encontrada agora na boca do curado. Aquele que curou o cego se autodenomina de Ἐγὼ εἰμί. O curado, excluído da comunidade dos “sãos”, agora também se autodenomina Ἐγὼ εἰμι. Quem nada era, agora é. A entrada para a comunidade dos discípulos transforma as mais baixas perspectivas nas mais elevadas aspirações e conceitos pessoais (cf. 1 Co 1.26-31). Aquele que vivia repetindo “uma esmolinha, pelo amor de Deus”, agora diz “Eu sou”. Quando o homem entrava para a comunidade dos discípulos tinha que

10 – Portanto,

Disseram a ele:

Como, portanto, foram abertos os teus olhos?

11 – Respondeu aquele:

O homem = o qual é dito Jesus

Fez lodo

E ungiu os meus olhos,

E disse:

Vai para Siloam,

E lava.

Portanto,

Depois de ir e lavar, vi.

12 – E disseram<sup>26</sup> a ele:

Onde está aquele?

Ele diz:

Não sei.

No sincero desejo de entender o que acontecera ao cego, a comunidade ao redor dele comete sua parcela de violência – arrasta o curado para dentro da sinagoga. Este é um conflito menor acontece dentro da comunidade, ao redor da comunidade joanina. Este conflito é um preâmbulo ao encontro com os líderes da sinagoga. O que aconteceu foi uma falta de compreensão com o que havia acontecido ao cego. O texto apresenta grupos de diferentes de pessoas em discussão: os vizinhos [οἰγείτορες] – numa provável referência aqueles que participavam da comunidade com sua família; os que o viam [οἰθεωροῦντες] – esses são diferentes porque o conheciam como mendigo nas proximidades do Templo, e podem ser identificados com frequentadores ocasionais da comunidade;<sup>27</sup> outros (v. 9 [ἄλλοι]), e ainda outro grupo também chamado de “outros” (v. 9 [ἄλλοι]) – estes dois ἄλλοι devem ser identificados com pessoas alheias a comunidade. Qualquer que seja o grupo, todos tinham dúvidas se diante deles estava um que havia sido cego. As obras divinas na pessoa do cego haviam causado confusão dentro dos diferentes grupos da comunidade.

A resposta do cego aos duvidosos foi: “Eu sou!” (Jo 9.9 [Ἐγώ εἰμι]). Essa é uma expressão típica dos lábios de Jesus. É uma forma de auto identificação de Jesus (João 8.12, 24, 28, 58; 10.7, 9, 11; 11.25; 13.19; 14.6; 15.1). Ela revela o autoconhecimento que Jesus tem

---

mudar de perspectiva. Para aqueles que pensavam que só eram alguma coisa se estivessem ligados à sinagoga, o autor mostra que não. Estar ligado à comunidade dos discípulos era ser, muito mais que estar ligado à sinagoga. Estar ligado a uma sinagoga dava uma identidade étnica. Estar ligado à comunidade de discípulos dava uma identidade mundial, pois estava ligado a luz do mundo.

<sup>26</sup> Aqui temos um aoristo de λέγω, εἶπαν.

<sup>27</sup> Isso é inferido do fato que Jesus o encontra depois de ter saído do Templo. A proximidade com o Templo dava aos mendigos a oportunidade de receber esmolas, principalmente em tempos de festa. A esmola fazia parte da vida dos judeus.

do que ele é (TDNT, 1964, p. 398-400). Ao ser usada pelo homem curado, ela indica a nova forma como ele se percebe diante dos grupos de pessoas que o cercam. O curado não tinha uma família que o apoiava, e as pessoas ao seu redor o consideravam como alguém sob o juízo divino por pecado seu ou de seus pais. A identidade no mundo antigo estava intimamente relacionada à família. Sem uma família como meio de identidade, o indivíduo “não é”. A profissão e a fé eram dominadas pela família. Ser excluído da família era ser proscrito. O indivíduo assim não podia casar ou trabalhar porque tudo dependia da família.<sup>28</sup>

Quando Jesus se interessa por este homem, ele quebra paradigmas, preconceitos, rejeição e identifica-se com o cego. Por outro lado, o cego, ao receber a atenção de Jesus, percebe que ele é muito mais que “cego”, ele também é. Ele, ao receber a atenção de Jesus, percebe que ele tem sua dignidade, e, como Jesus, ele pode se auto definir. Por isso, o “eu sou” em seus lábios apresenta-se muito mais cheio de significado que meramente dizer que é ele era o cego que recebia esmolas em alguma esquina.

Ao mesmo tempo, por outro lado, dentro da comunidade joanina, entre os grupos que se identificavam com esta comunidade, havia aqueles que confessavam Jesus publicamente, e estes podiam entender-se como sendo “eu sou”. Ela traz significado para os membros da comunidade que estavam sendo excluídos do contexto da sinagoga. Se um cego pode dizer “eu sou”, qual o problema daqueles que não freqüentam a sinagoga, porque foram excluídos dela, também entenderem sua identidade a partir dessa perspectiva? É uma visão limitada pensar que os conflitos são sempre a partir de perspectivas negativas – como a do cego. Conflito também poderia vir daqueles que se viam não como párias dentro da comunidade, mas como “eu sou”.

A comunidade joanina é a comunidade que também tem dentro de si o grupo do “eu sou”. Essa forma de se identificar colocava esta comunidade em plena identificação com Jesus. Se Jesus é o pão da vida, videira verdadeira, luz do mundo, ressurreição e vida, caminho, verdade e vida..., então estes discípulos de João também o são, por sua plena identificação com Jesus – este, talvez o mais significativo excluído do meio dos judeus. Assim, a violência gerada, dentro e fora da comunidade na Transjordânia,<sup>29</sup> contra aqueles que

---

<sup>28</sup> Idéias pontuadas a partir de conclusões sacadas das anotações feitas em classe na aula do dia 12 de maio de 2009, com o professor Dr. Paulo Roberto Garcia, na UMESP.

<sup>29</sup> Local possível para a comunidade joanina neste período segundo o professor Dr. Paulo Robert Garcia (UMESP).

estavam fortemente identificados com Jesus tinham o seu lado positivo – o crescimento em sua auto compreensão do que eles eram. Esta foi a parte que sobreviveu a todas as violências.

Fazer parte da comunidade dos excluídos e violentados dentro da comunidade joanina era muito mais que pertencer a um grupo. Era fazer parte do grupo do “Eu sou”. Essa identidade estava relacionada com a nova postura que devia ser costurada por aqueles que não mais tinham identificação com a sinagoga. Excluídos como impuros e pecadores (João 9.16, 24), agora ganhavam nova maneira de apresentarem – estes seriam dentro da comunidade joanina os que têm uma identidade nova, os que são “eu sou”. Com a família padrão em crise (pai, mãe e filhos), nova perspectiva se levantava para suprir esta lacuna.

Mirando dessa perspectiva, a conflito trazia novos desenvolvimentos para setores dentro da comunidade, aonde novos entendimentos e afirmações contribuiriam para a nova perspectiva de se olhar dentro da comunidade. Isso quer dizer que havia muito dinamismo dentro dessa comunidade, na medida em que ela crescia em seu autoconhecimento como comunidade de Jesus no mundo.

Porém, há algo mais a ser colocado aqui. Cada uma das descrições do narrador sobre estes grupos destaca que, os quatro grupos aqui envolvidos, são distintos uns dos outros, os quais, por sua vez, são distintos dos fariseus, que são os do interrogatório, mas também são associados com os judeus. Então, vamos colocar da seguinte forma: a sociedade vigente é constituída dos seguintes grupos: a comunidade joanina – com seus conhecidos e vizinhos uns dos outros, os fariseus, e os judeus, os quais envolvem os fariseus, mas podem também conter elementos como os saduceus, pró-romanos, e aqueles que são os “outros”, vivem próximos da comunidade, mas são fortes o suficiente para arrastarem um homem para ser julgado na sinagoga.

Deve-se notar que estes grupos tem uma linguagem que se assemelha aquela do interrogatório experimentado pelo curado diante dos fariseus na sinagoga: “Como, portanto, foram abertos os teus olhos?”(9.10) e “como viu?”(9.15). Pode-se dizer que o primeiro interrogatório que o curado experimentou foi dentro da própria comunidade em que ele vivia. A partícula interrogativa “como” (πῶς) ocorre em 9.16 e 21. Três vezes ela está na boca dos fariseus em seu interrogatório dentro da sinagoga. Olhando desta ótica, de alguma maneira, o estilo agressivo dos fariseus contra aqueles que se identificavam com Jesus, e viviam fora da sinagoga, estava disseminado dentro e fora contra a comunidade joanina.

Vamos observar um progresso na violência: a pergunta dos discípulos, no início do capítulo, aponta para uma violência verbal. A comunidade joanina estava repetindo isso entre seus membros, tanto quanto era repetido fora. Depois, a comunidade externa a comunidade joanina leva, à força, o que fora curado para dentro da sinagoga para ser julgado pelos fariseus. Finalmente, a violência em dose dupla é demonstrada dentro do interrogatório feito pelos fariseus ao cego: eles fazem violência verbal e física com a expulsão da sinagoga.

Entretanto, antes de avançar, deve-se fazer uma menção ao verbo ἄγουσιν, presente no início de 9.13. A menção deve-se porque ele está no presente dentro de uma narrativa cheia de verbos no aoristo. Este tipo de presente é chamado, sintaticamente, de presente histórico, ou presente dramático. Ele pode ser usado de forma intencional, para demonstrar a relevância do evento que segue, ou de forma não intencional, com o fim de dar vivacidade ao que está acontecendo (WALLACE, 1996, p. 526-532). Se o evento seguinte, o julgamento pelos fariseus na sinagoga, apresenta dupla violência – verbal e física, ao mesmo tempo expulsa aqueles que buscam maior fidelidade a Jesus, além do fato que alguns estavam com medo dos fariseus por causa de seu poder, e, por isso, não buscavam confirmar sua fé em Jesus publicamente, então se deve considerar que o narrador colocou este verbo no presente para mostrar o ápice da violência contra aqueles que se recusavam abandonar sua fé em Jesus.

### **III. O Conflito com os Fariseus (9.13-33)**

13 – Levaram-no,  
    Perante os fariseus,  
        O que uma vez “fora” cego.

14 – E era sábado,  
    No qual dia,  
        Jesus fez o lodo,  
        E abriu dele os olhos.

15 – Portanto,  
    Novamente,  
        Perguntavam-lhe também os fariseus  
            Como viu.

    E o tal disse-lhes:  
        Colocou lodo sobre meus olhos,  
        E lavei,  
        E vejo.

16 – Portanto,  
    Disseram alguns dos fariseus:  
        Este homem não é da parte de Deus,

Porque não guarda o sábado.<sup>30</sup>

Outros (disseram):

Como pode um homem,

Pecaminoso,<sup>31</sup>

Fazer tais sinais?

E havia divisão neles (entre eles).

17 – Portanto,

Dizem, novamente, ao cego:

O que tu dizes acerca dele = o que abriu os teus olhos?<sup>32</sup>

O qual disse:

É profeta!

18 – Portanto,

Não creram os judeus acerca dele:<sup>33</sup>

Que era cego e via.

Até chamaram os pais dele = do que recebeu visão.<sup>34</sup>

19 – E perguntaram-lhes,

Dizendo:

Este é o vosso filho,

O qual vós estais dizendo

Que nasceu cego,

Portanto,

Como vê agora?<sup>35</sup>

20 – Portanto,

Responderam os seus pais,

E disseram:

Sabemos que:

Este é nosso filho

E que nasceu cego.

21 –

Mas,

Como agora<sup>36</sup> vê,

Não sabemos.

Ou quem abriu os olhos dele,

Nós não conhecemos.

Perguntai-lhe.

Ele tem maturidade.

Falará acerca de si mesmo.

<sup>30</sup> Notemos que a conjunção o [ti introduz uma oração adverbial que aponta a causa para a declaração dos fariseus que Jesus não vem da parte de Deus. Cf. WALLACE, 1996, p. 674.

<sup>31</sup> A palavra ἀμαρτωλός, traduzida neste trabalho por “pecaminoso” é explicada na primeira parte deste versículo – aquele que não guarda o sábado e por isso não é procedente de Deus. A idéia é que Jesus é devotado ao pecado. Daí, esta tradução ter optado por traduzir por “pecaminoso”. Esta palavra ocorre ainda em João 9.24, e no genitivo plural em 9.31.

<sup>32</sup> Veja a segunda oração substantiva apositiva em João 9.

<sup>33</sup> É interessante observar que este versículo tem dois modificadores de “dele”, tradução do genitivo αὐτοῦ. Em uma parte o “dele” é modificado por “o que era cego e tornou a ver”, e o segundo “dele” é modificado por “do que recebeu a visão”.

<sup>34</sup> Outra construção apositiva.

<sup>35</sup> “agora” [ἄρτι] é como se eles estivessem dizendo que recentemente ele começou a ver, ou seja, como ele nasceu cego se ele recentemente começou a ver? A pergunta sugere que os pais tenham criado alguma farsa para obter benefícios, como as esmolas.

<sup>36</sup> “agora” aqui é tradução de νῦν. Ela salienta instante atual – neste momento.

- 22 – Os seus pais disseram estas coisas,  
Porque estavam temendo os Judeus.  
Porque já tinham decidido que,  
Se alguém confessasse Cristo,  
Tornasse expulso da sinagoga.
- 23 – Por isto,  
Os seus pais disseram:  
Tem maturidade.  
Perguntai-lhe.
- 24 – Portanto,  
Falaram alto (a)o homem = o que estava cego  
De segunda vez,  
E disseram-lhe:  
Dá glória a Deus.  
Nós sabemos  
Que este homem é pecaminoso.
- 25 – Portanto,  
Respondeu aquele:  
Se é pecaminoso,  
Não sabemos.  
Sei uma coisa:  
Sendo cego, agora vejo.
- 26 – Portanto,  
Disseram-lhe:  
Que fez a ti?  
Como abriu os teus olhos?
- 27 – Respondeu-lhes:  
Já vos disse.  
E não ouvistes.  
O que quereis ouvir de novo?  
Vós também não quereis tornar-se discípulo dele?
- 28 – E abusaram-no.<sup>37</sup>  
E disseram:  
Tu és discípulo daquele.  
Mas nós somos discípulos de Moisés.
- 29 –  
Nós sabemos que  
Deus falou a Moisés.  
Mas não sabemos de onde este é.
- 30 – Respondeu o homem,  
E disse-lhes:  
Porque,  
A maravilha está nisto:  
Vós não sabeis de onde é,  
Mas abriu os meus olhos!
- 31 –  
Sabemos:  
Deus não ouve de<sup>38</sup> pecaminosos,<sup>39</sup>

<sup>37</sup>ἐλοιδορήσαν [λοιδορέω] dá a ideia de maus tratos verbais. Eles foram agressivos e ofensivos com o curado. Provavelmente fizeram isso em voz alta o humilhando publicamente.

Mas,  
Se alguém seja temente a Deus,  
E faz a sua vontade,  
(ele) ouve deste.  
32 – Desde as épocas,  
Não tinha ouvido que  
Alguém abriu olhos  
de quem tem sido gerado cego.  
33 – Se este não era da parte de Deus,  
Não podia fazer nada!

#### A. O Primeiro Interrogatório (9.13-17)

Essa parte da perícopes mostra o interrogatório a que é submetido o curado e seus pais. São três interrogatórios. Primeiro do curado, depois dos seus pais, e, finalmente, o curado é submetido a um segundo interrogatório, do qual deriva sua expulsão da sinagoga.

Até o versículo 12 os fariseus não estão envolvidos. Porém, a comunidade, em sua confusão, por não entender o que acontecera com o cego, e na busca de entendimento diante da evidência da cura realizada, toma consigo o curado e o leva aos fariseus. Como corte religiosa maior, o que fora cego é levado à sinagoga<sup>40</sup> para apuração dos fatos. Mas João 9.14 acrescenta um agravante – o dia da cura era sábado. Como fazer cura, da forma que Jesus fizera, era considerado uma atividade proibida, pois era um tipo de trabalho, então isso agravaria o relacionamento entre Jesus e os fariseus.

O modelo de Jesus é o modelo daquele que está disposto a quebrar paradigmas, desde que o beneficiado seja uma pessoa. Então, o dilema da comunidade joanina é: “Eu devo quebrar minhas tradições para servir o próximo ou não devo fazer isso?” Qual é o mais importante? Este dilema deve ter agravado o relacionamento entre os grupos dentro da comunidade joanina, pois houvera grupos que eram favoráveis a tais tradições, e houvera grupos que não tinham tais tradições em conta.

---

<sup>38</sup> O “de” é para indicar a procedência da oração ou pedido dirigido a Deus por pecaminosos [ἁμαρτωλῶν]. Não consta no texto, mas é uma opção de tradução que o genitivo favorece. “Deus não ouve de pecaminosos” ou “não ouve os pedidos que procedem deles, os pecaminosos”.

<sup>39</sup> Aqui ele está citando algum tipo de reconhecimento conjunto de uma mesma tradição, da qual ele faz uma citação direta. Por isso, ὅτι não é traduzido, mas considera-se como sendo dois pontos. Esta citação direta encontrada na boca do curado inclui o versículo 31 inteiro: “Sabemos: ‘Deus não ouve de pecaminosos. Mas, se alguém seja temente a Deus, e faz sua vontade, ouve deste (desse alguém temente a Deus)’”.

<sup>40</sup> Se este capítulo tem sua escrita por volta dos anos 80 do primeiro século, então é esperado que o cego fosse levado para a sinagoga, e não para o sinédrio, lugar mais apropriado para tratar estes casos, em que se necessitava de investigação.

João 9.15 começa com *πάλιν*. Nessa altura do texto, e, tendo o curado chegado há instantes na sinagoga, este advérbio não pode ter seu sentido de “novamente” ou “de novo” (RUSCONI, 2003, p. 348). Esse entendimento poderia ser obtido se o interrogatório houvesse começado há algum tempo, o que não é o caso aqui. Então, a solução para este problema está em relacionar com o capítulo 8 e o interrogatório feito a Jesus e sua expulsão sob ameaça de morte. Assim, *πάλιν* está mostrando que os judeus estão em novo interrogatório, daí, “novamente”, sugerindo com isso que o procedimento com os fariseus era repetido neste momento de forte reação contra o Cristianismo. Mas há mais um ponto de contato entre Jesus e o curado – assim como os fariseus interrogaram Jesus, eles estão interrogando aquele que se identificara com Jesus.

A postura do homem é bastante ativa no interrogatório na sinagoga. Isso é típico das comunidades cristãs quando colocadas diante da oposição – não calar, mas salientar a evidência de sua fé. Esta forma de reação é fator decisivo para entender o comportamento diante das opressões da sociedade e de outros membros da própria comunidade joanina. Essa parte da comunidade não era passiva. Mesmo que não reagisse violentamente, ela desenvolvia sua própria forma de defesa por meio de uma apologia. Mas este grupo estava sob forte ameaça.

#### B. O Segundo Interrogatório (9.18-23)

O segundo interrogatório é dirigido aos pais do curado. É aqui que se revela a violência em sua forma mais profunda – o abandono da família daquele que fora curado a própria sorte diante dos fariseus.

Como os inquiridores não creram na versão do curado, eles chamaram os pais. Aqui o assunto chega a pontos reveladores. Primeiro, o assunto de crença e descrença é levantado. E, com isto, a comunidade é dividida em dois grupos – os que crêem e os que não crêem. Os que crêem estão tanto dentro como fora da comunidade joanina. Segundo, ao interrogarem os pais, o narrador acrescenta outro detalhe. Os pais se abstêm de dar qualquer opinião sobre o que acontecera ao filho, porque os judeus já tinham decidido expulsar da sinagoga todo aquele que confessasse Jesus.

Os pais do curado revelam um lado perverso. Eles preferem manter-se dentro dos benefícios da sinagoga e, portanto, do lado daqueles que detêm o poder, do que dar sua

opinião favorável ao filho e, por derivação, ao próprio Jesus que curara seu filho. Vale notar que os pais não esboçam qualquer alegria por verem seu filho curado, e a forma como reagem apresenta certa tristeza, ou apreensão, por estarem fazendo parte do interrogatório.

Esse ponto é revelador porque mostra que havia pessoas que “criam” em Jesus, mas que não queriam o comprometimento com a aquela parte da comunidade joanina que confessava Jesus abertamente. A sinagoga era um centro agregador da sociedade como um todo. Estar expulso da sinagoga era estar fora de todos os benefícios da comunidade. Este era o temor que os pais do curado tinham nesse momento. Eles queriam estar de bem com aqueles que detinham o poder.

Terceiro, o assunto da expulsão da sinagoga já havia sido determinado, segundo o narrador, pelos inimigos da comunidade de discípulos. E, ao que tudo indica no texto, isso já fora comunicado aos que freqüentavam a sinagoga, pois o narrador diz que a reação dos pais do curado era resultado deste conhecimento prévio.

Por último, somos introduzidos, nesta porção de João 9, a dois grupos de inimigos dos cristãos, dentro da sinagoga – o primeiro é denominado de fariseus; o segundo é chamado de judeus. Ao que tudo indica, o grupo de fariseus é um grupo influente dentro do grupo de judeus. Como a determinação é que fossem expulsos da sinagoga os que confessassem Jesus, então estes inimigos eram todos da liderança religiosa de Israel. Os judeus é o grupo maior que envolve os fariseus.

Na opinião de Vidal, havia grupos joaninos antigos na área de Jerusalém e arredores que eram importantes o suficiente para incomodarem a liderança religiosa dos judeus. Segundo ele, havia um grupo importante em Betânia, o qual teve começo nos dias de atuação de Jesus (VIDAL, 1997, p. 18-19).

Entretanto, tendo em vista que a narrativa sofrera acréscimos redacionais, e até interpretações (9.7), então podemos sugerir que este capítulo tenha servido em momentos mais difíceis em dias posteriores, e expressa a tensão vivida entre sair da sinagoga ou manter-se nela. Certamente que aqueles que optaram pela saída tiveram muitos problemas para sobreviverem fora dela.

### C. O Terceiro Interrogatório (9.24-34a)

Este interrogatório começa com Ἐφώνησαν.<sup>41</sup> Um dos significados desta palavra é “falar alto”, “gritar”(RUSCONI, 2003, p. 488-489). Esta forma de dirigir-se ao curado demonstra a forma tensa em que estava o interrogatório. Este verbo ainda é qualificado com a expressão “segunda vez”. Se o contexto de violência está em vista, e o curado está em notória defesa de Jesus e sua obra, então, pode-se verificar que a forma de chamar o curado não é amistosa. É por meio de brados intimidadores.

A ordem para que o curado dê glória a Deus é muito sugestiva. Ela é encontrada em Josué 7.19. A construção é a mesma: Δὸς δόξαν τῷ θεῷ. A diferença está em que, na Septuaginta,<sup>42</sup> há “Senhor Deus de Israel”, e em João 9 somente “Deus”. Isso aponta para a direção dos pensamentos que passavam pela mente dos interrogadores do curado – ele havia cometido um pecado grave no dia de sábado, a semelhança de Acã que havia roubado aquilo que Deus havia condenado para a destruição.

Por outro lado, o terceiro interrogatório é revelador. É neste ponto aonde o curado revela sua verdadeira identificação com Jesus e o defende e, também, sua identificação com aqueles que confessavam Jesus publicamente. Primeiro, pela forma adequada e coerente de responder ao interrogatório, o curado estava mostrando sua clara identificação com aquela a comunidade joanina que assumia plena identificação com Jesus. Ele não teme as autoridades presentes. Ele fala com se estivesse falando com alguém igual a ele. Mas não em mesma tonalidade. Mesmo que ele estivesse sob pressão, ele não emprega os mesmos métodos para responder as perguntas do interrogatório. Paradoxalmente, o curado de sua cegueira, que, aparentemente, não era membro da comunidade até aquele dia, associa-se com Jesus ao ponto de defendê-lo diante dos fariseus.

Segundo, é entendimento desse artigo que ele está no exercício de sua auto compreensão como “eu sou”. Ele não somente argumenta questionando os argumentos deles – que Jesus é pecador por ter trabalhado no sábado, como se expressa como alguém que tem conhecimento de causa. Ele tem uma identificação com uma nova forma de ver o relacionamento com Deus, e permanece firme com aquele que o curou, e que tinha sido perseguido como ele.

---

<sup>41</sup> Aoristo indicativo de φωνέω.

<sup>42</sup> O Antigo Testamento Poliglota, p. 506.

#### IV. Os Resultados do Conflito: Inclusão e Exclusão (9.34b-41)

34 – Responderam,  
E disseram-lhe:

Tu foste gerado inteiro,  
Em pecado,<sup>43</sup>

E tu ensinas a nós!  
E o expeliram<sup>44</sup> fora.

35 – Jesus ouviu:

Expulsaram-no fora!  
E, encontrando-o,<sup>45</sup>

Disse:  
Tu crês no<sup>46</sup> filho do homem?

36 – Aquele respondeu,  
(e disse):

Mas,<sup>47</sup> quem é, Senhor,  
A fim de que eu creia nele?

37 – Disse-lhe Jesus:

E o tens visto.  
E é aquele que está falando contigo

38 – Então (e, mas),  
Ele dizia:

Creio, Senhor!  
E prostrou-se diante dele.

39 – E disse Jesus:

Para juízo,  
Eu vim para o mundo.  
A fim de que os que não veem vejam,  
E os que veem tornem-se cegos.<sup>48</sup>

40 – Ouviram, (alguns) dos fariseus = os que sendo com ele<sup>49</sup> (o cego),<sup>50</sup>  
E disseram-lhe:

---

<sup>43</sup> A visão apresentada pelos discípulos, nos versículos iniciais deste capítulo, é partilhada pelos inquiridores do curado. Os aderentes da comunidade joanina

<sup>44</sup> Este verbo é tradução de ἐξέβαλον, outro verbo para demonstrar violência. Agora não é só violência verbal, mas física, pois ele fora forçado a sair da sinagoga. Este verbo ocorre também no versículo seguinte.

<sup>45</sup> O particípio presente εὐρών tem ação simultânea ao verbo principal da oração, εἶπεν. A conjunção ὅτι, neste caso, não é traduzida, mas vem como se fosse dois pontos para salientar a citação do que Jesus ouviu.

<sup>46</sup> A preposição εἰς destaca direção. Fé é uma ação de movimento. Ele crê em alguém ou coisa a quem de vota a direção de sua mente. Entretanto, ela também pode estar sendo usada em lugar de ἐν, a qual seria esperada aqui. Assim a fé é colocada em um lugar ou em uma pessoa.

<sup>47</sup> Proponho uma tradução adversativa aqui para καὶ.

<sup>48</sup> Note que Jesus não diz simplesmente que os que veem não vejam. Mas que “tornem-se cegos” [τυφλοὶ γίνονται]. Eles passaram de um estado de visão para um estado de cegueira. Assim, a vida de Jesus tem duplo propósito: dar visão e tirar visão. A luz do mundo é uma luz que ilumina e cega. Ver está intimamente relacionado ao movimento de crer [πιστεύω + εἰς]. Tudo isso é parte do juízo [κρίμα] – como faz parte do juízo dar vista, então não está em vista só a punição, mas também a libertação.

<sup>49</sup> Nota-se uma construção apositiva aqui, para distinguir daqueles fariseus que ficaram na sinagoga.

<sup>50</sup> A pergunta a ser feita é: o que estes fariseus estavam fazendo junto ao curado, o qual acabara de ser expulso da reunião deles. A resposta é: perseguir, pois o curado era não somente de fora da comunidade joanina, mas o único que tinha uma visão correta de Jesus, e o único a defendê-lo. Então, além de ser expulso da comunidade, ele ainda fora perseguido fora dela.

Não somos cegos!

41 – Disse-lhes Jesus:

Se estáveis sendo cegos,

(então)<sup>51</sup> não estáveis tendo pecado.<sup>52</sup>

Porém,

Agora dizeis:

Vemos!

(então)<sup>53</sup> o vosso pecado permanece.

Primeiro, a exclusão. O texto simplesmente diz que eles, os judeus (v. 18), o expulsaram. O verbo é forte e salienta algum uso de força verbal e física [ἐξέβαλον, de ἐκβάλλω]. É um verbo usado para a expulsão de demônios (Lucas 11.14). Portanto, é um verbo que representa força violenta para a execução de um propósito. A expulsão salienta o repúdio que os judeus sentiram por serem ensinados por um ex-mendigo, bem como pela realização do milagre de Jesus em dia de sábado. Veja a expressão de alarme e de violência verbal presentes na expressão seguinte: “Em pecado tu foste inteiro gerado, e tu nos ensinas?”.

Por outro lado, em segundo lugar, em meio às tensões e violências, há a inclusão. O exemplo de Jesus, ao aproximar-se e acolher o curado expulso serviria de modelo para a comunidade joanina, ou comunidades joaninas,<sup>54</sup> agirem em caso semelhante. Se a oração de Jesus em João 17 era para que o grupo de irmãos tivesse unidade, e ela devesse ter implicações mais amplas, então podemos deduzir que a questão relacionada ao acolhimento daqueles que haviam sido excluídos da sinagoga está em pauta na oração de João 17. É possível que houvesse grupos dentro da comunidade joanina que não estavam aceitando aqueles que foram excluídos da sinagoga, por seu vínculo forte com os fariseus admiradores das tradições rabínicas, ou aqueles que preferiam aproximação com pensamentos mais gnósticos. Assim, o modelo acolhedor de Jesus serviria de paradigma para estes grupos para quebrarem seus desentendimentos e pensarem na unidade.

É importante também notar que a aproximação de Jesus daquele que fora expulso representa também uma exclusão e uma inclusão. Ao perguntar se o curado cria nele, ele está

---

<sup>51</sup> Aqui temos ἄν. essa pode ser entendida por “de fato”.

<sup>52</sup> Outra vez estamos com o conceito de pecado (ἁμαρτίαν, ἁμαρτία). O pecado em pauta está em não reconhecer as evidências que conduzem a Jesus como luz do mundo. O problema permanece para a comunidade. Aqueles que querem seguir dentro da sinagoga seguiriam uma luz opaca, sem a capacidade de iluminar como a de Jesus. Portanto, mesmo vendo, ainda estariam em seus pecados.

<sup>53</sup> Suprir a ausência de ἄν.

<sup>54</sup> Vidal sugere que houvesse mais de uma comunidade joanina (1997, p. 18).

incorporando o conceito de crença e descrença presente dentro do livro. A resposta do curado (“Creio, Senhor”) o inclui no grupo dos que crêem em Jesus, ao ponto de serem expulsos por causa disso. Por outro lado, exclui aqueles que não crêem em Jesus.

A crítica que Jesus faz aos fariseus que estavam por perto na hora de seu encontro com o curado é contundente. Aqueles que não seguem a Jesus são os que estão no pecado. Isso quer dizer que a verdadeira condenação está sobre aqueles que, em lugar de exercerem a força acolhedora dos desvalidos, os excluem, por os acharem amaldiçoados (Ἐν ἀμαρτίαις σὺ ἐγεννήθης ὄλος). Assim, quando os fariseus<sup>55</sup> disseram que enxergavam, Jesus disse que o pecado deles subsistia. Ou, deixar de fazer o que é certo, mesmo sabendo que deve ser feito, é enxergar e persistir em condenação.

Se a missão de Jesus, colocada em Jo 9.39,<sup>56</sup> é transferida para a comunidade, então a comunidade joanina deveria entender que seu papel no mundo é duplo – salvar e condenar. Ao assumir isso, a comunidade deveria entender que o papel de exclusão e inclusão da participação na bênção divina da salvação não pertence ao Sinédrio, mas a Jesus e aos membros da comunidade do discípulo amado.<sup>57</sup>

## **Conclusão**

Dentro de João 9 a violência é crescente. Ela passa da violência verbal para o físico e daí ela vai para a violência verbal e física ao mesmo tempo. Inclui-se nessa violência o abandono silencioso, por causa de uma tradição religiosa, da própria família do curado, revelando que dentro da comunidade joanina havia pessoas que rompiam com a família e viviam à margem da sociedade e da comunidade joanina.

Se o centro do capítulo é manifestar a glória de Deus por meio de obras de poder entre os homens por meio da realização de ato divino poderoso, curando um homem com uma enfermidade congênita, e seu desenvolvimento – o ser luz entre os homens, porém com uma linha paralela bem visível que é a violência. Partindo desse entendimento, a comunidade

---

<sup>55</sup> A presença dos fariseus perto do encontro de Jesus com o curado é interessante. Duas são as possibilidades. A primeira é que estes não estavam juntos do grupo que expulsou o curado, mas sabiam do acontecido. A segunda possibilidade é que o curado, depois de expulso, foi seguido por um grupo de fariseus para exercer opressão sobre o curado, ou para descobrir se ele iria encontrar-se com Jesus.

<sup>56</sup> “Prosseguiu Jesus: Eu vim este mundo para juízo, a fim de que os que não vêem vejam, e os que vêem se tornem cegos”.

<sup>57</sup> O poder para usar as chaves do reino (Mateus 16.19; 18.18-20; João 20.23) não estava nas mãos das autoridades judaicas, mas na mão da comunidade do discípulo amado.

joanina deveria entender que o verdadeiro poder não está com o lado violento, mas com o acolhedor, o amoroso, o confortador.

Então o capítulo existe para mostrar a perspectiva desta comunidade tem de si – ela é o veículo para a manifestação de Deus entre os homens. Como Jesus não fora compreendido pela comunidade e suas autoridades, também se esperava que a mesma coisa acontecesse com a comunidade joanina.

Ao identificar-se com Jesus e aceitar sua exclusão da sinagoga, esta comunidade assumia seu papel de ser representante de Jesus no mundo e, por sua vez, ser o centro de manifestações divinas entre os homens. Aquele que reivindicava ser a luz do mundo, agora transfere para a comunidade de discípulos essa tarefa entre os homens.

Mas a cura do cego de nascença serve, não somente para corrigir uma visão distorcida da comunidade joanina sobre aqueles que experimentavam reveses na vida, como para corrigir outra distorção presente dentro desta comunidade. Ao curar o que era cego desde o nascimento, Jesus estava mostrando que o corpo faz parte da criação divina e, como tal, é objeto de sua misericórdia, e que não importa o dia, o homem é mais importante que dias santos. Violência e compaixão geram fé e descrença, luz e trevas, inclusão e exclusão. Cada uma com seu devido fruto.

Outra vez esta pesquisa retorna a Vidal (1997, p. 23) para contemplar o que está se passando por trás dos eventos de João 9:

La separación del “seno” del judaísmo... supuso un gran trauma para los grupos juánicos... el sentido del trauma del “nacimiento” a una nueva existencia... Su vida y estructura comunitarias tuvieron que hacerse más fuertes... En esa nueva situación, probablemente en torno al año 80, surgió en primer evangelio como una gran obra “etiología”... de esas comunidades juánicas, que tenían ahora que legitimarse frente a la amenaza del judaísmo.

Cabe aqui a máxima saída da boca de João Batista (João 3.30): “Importa que ele cresça e que eu diminua”. O judaísmo iria diminuir, mas o Cristianismo iria crescer. A forte ruptura com o judaísmo rabínico, presente neste capítulo, é preâmbulo de fortes tensões, ainda vindouras dentro da comunidade.

## **Referências Bibliográficas**

BROWN, Raymond Edward. *A Comunidade do Discípulo Amado*. São Paulo: Edições Paulinas, 1983. Tradução: Euclides Carneiro da Silva.

CARSON, D. A. *The Gospel According to John*. Grand Rapids, Michigan: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1992.

KITTEL, Gerhard, editor. *Theological Dictionary of the New Testament*. Grand Rapids, Michigan: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1964. Vol. 2. Tradutor: Geoffrey W. Bromiley.

MORRIS, Leon. *The Gospel According to John*. Grand Rapids, Michigan: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1971.

PINTO, Carlos Osvaldo Cardoso. *Fundamentos para exegese do Novo Testamento*. São Paulo: Edições Vida Nova, 2002.

RUSCONI, Carlo. *Dicionário do Grego do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2003.

VIDAL, Senén. *Los Escritos Originales de la Comunidad del Discípulo "Amigo" de Jesús*. Salamanca, España: Ediciones Sígueme, 1997.

WALLACE, Daniel B. *Greek Grammar Beyond the Basics*. Grand Rapids, Michigan: Zondervan Publishing House, 1996.

## **Bíblias**

*The NIV Study Bible – New International Version*. Grand Rapids, Michigan: Zondervan Bible Publishers, 1985.

*O Antigo Testamento Poliglota: hebraico, grego, português, inglês*. São Paulo: Vida Nova e Sociedade Bíblica do Brasil, 2003.